



PRESS MONITORING

VIVA VOZ



Diogo Simões Pereira

Diretor-Geral da EPIS – Empresários Pela Inclusão Social

Não podemos correr o risco de comprometer o futuro dos jovens, e isso faz-se através da educação de qualidade, com todos os portugueses. Em períodos de crise como o que vivemos, as pessoas e as organizações tendem a adotar uma atitude mais prudente e muito mais focada no curto prazo. Em muitos casos, as organizações debatem-se com a sua sustentabilidade, sobrevivência mesmo. As que estão acima da «linha de água», e face às enormes pressões externas da sociedade e do estado central e local, tendem por vezes a desenvolver um papel crescentemente assistencialista, muitas vezes menos focado na capacitação dos diversos «stakeholders» sociais.

Durante algum tempo, uma sociedade pode adiar a construção de infraestruturas e a realização de benfeitorias, pode suportar austeridade, pode aguentar desemprego elevado, pode até suportar alguma tensão social, ... Mas há um investimento que nunca pode ser comprometido: a Educação dos jovens. Por jovens entendo todas as pessoas com menos de 24 anos – uma das medidas de referência da OCDE é o abandono escolar precoce, medido pela percentagem de jovens entre os 18 e 24 anos que não está a estudar. Por Educação entendo, Educação de Qualidade, que implica a capacitação para a vida e depois para a profissão.

A Educação de Qualidade começa com os Pais e Família. Em muitos casos, não é possível. Nestas fases de crise, a situação piora.

A Educação de Qualidade continua com a Escola, que se pretende desde os 3 anos, pelo menos até aos 18 – supondo-se o atingimento de 12 anos de escolaridade. Em Portugal, o sistema educativo tem feito enormes progressos nos últimos 30 anos. Estamos no bom caminho, apesar de o desafio de convergência para a OCDE ainda

ser considerável. Mas a Educação de Qualidade deve ir muito mais além. Deve capacitar os jovens para a vida futura, deve ensiná-los a viverem na nossa sociedade e a procurarem aí a sua felicidade, isto é, deve ligar a escola à sociedade, à economia, à cultura, às profissões.

Todos os cidadãos e empresas podem contribuir para este objetivo com o seu tempo e conhecimento. E como a maioria dos cidadãos trabalha, as empresas podem ser o fator distintivo na sociedade, pela sua capacidade de canalização de toda esta energia através da organização e implementação de políticas amplas de responsabilidade social.

Que tipo de voluntariado empresarial podemos privilegiar nestas alturas? Sendo o ponto de partida a constatação de que todos os recursos são mais escassos, também o tempo das pessoas escasseia – e, logo, a disponibilidade, a assunção de riscos, a capacidade de aprendizagem, ... A solução passa por escolher programas que sejam de elevado valor para os jovens mas, ao mesmo tempo, mais eficientes em termos de envolvimento dos voluntários. Isso significa escolher programas que construam em cima do saber e das capacidades de cada organização e das suas pessoas. Vejamos como esta ideia se materializa, através de exemplos:

Para as empresas tecnológicas, o natural é o envolvimento em programas de literacia informática e tecnológica.

Para as empresas do setor bancário, o natural é o envolvimento em programas de literacia financeira.

Para as empresas do setor segurador, o natural é o envolvimento em programas de literacia sobre o risco e os «riscos da vida».

Para empresas de engenharia e de elevada qualificação tecnológica, o natural pode ser o envolvimento em programas de explicações de Matemática, de Ciências,...

Para as empresas do setor da saúde, o natural é o envolvimento em programas relacionados com a educação para a saúde, higiene, bem-estar,...

Para as empresas do setor da energia, o natural é o envolvimento em programas relacionados com a sustentabilidade energética e ambiental e com os bons hábitos de consumo de energia.

Em resumo, nestes tempos de recursos escassos, o que proponho é que cada organização se foque na sua missão natural – e beneficie para o consumidor, logo, para o cidadão – e procure contribuir para a Educação de Qualidade dos jovens deste país por essa via.

Com esse foco, o envolvimento com as escolas e com toda a comunidade educativa é mais simples. Tudo fica ainda mais fácil porque existem organizações do setor social que podem ser um bom mediador entre as partes, promovendo o tipo de parcerias em que todos ganham. Este desafio consome pouco recursos – apenas tempo doado pelas organizações e pessoas – e não desperdiça a estreita janela de oportunidade que é a juventude de cada um dos jovens portugueses. No caso da Associação EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, desde 2011 que temos por objetivo levar mais empresas associadas e voluntários para as escolas, para darem o seu contributo único para uma Educação de Qualidade, em articulação com os nossos programas de promoção do sucesso escolar. A Galp, a Somague, a EDP, a REN, a Unicer, o Banco de Portugal, o Deutsche Bank, a Altran e a Microsoft são exemplos vivos desta prática.